

OS EFEITOS DO TRABALHO SAZONAL DAS MULHERES NA COLHEITA DO CAFÉ EM UM CAMPO EM TRANSFORMAÇÃO¹

THE EFFECTS OF SEASONAL WORK WOMEN IN THE COFFEE HARVEST IN A COUNTRY IN TRANSFORMATION

Vanessa Aparecida Moreira de Barros

Mestranda em Extensão Rural
Universidade Federal de Viçosa
vanessabarrosecd@gmail.com

Ana Louise de Carvalho Fiúza,

Profa. Dra. do Programa do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural
Universidade Federal de Viçosa
louisefiuza@ufv.br

Lidiane Nunes da Silveira

Doutoranda em Extensão Rural e professora de Sociologia
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais de Ouro Preto
lidiane.nunes@ifmg.edu.br

Glauciane Aparecida Pereira

Estudante de Graduação em Economia Doméstica
Universidade Federal de Viçosa
glauciane.pereira@ufv.br

RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar os efeitos do trabalho sazonal na colheita do café realizado pelas mulheres do campo de São Miguel do Anta no processo de urbanização do campo. Neste contexto, partimos da hipótese de que o trabalho sazonal das mulheres na colheita do café tem efeito no modo de vida das famílias a partir da aplicação da renda. A pesquisa realizada teve um caráter descritivo e foi operacionalizada a partir do levantamento de dados secundários e da aplicação de questionário com questões abertas e fechadas às mulheres “apanhadoras de café” do campo de São Miguel do Anta. Diante dos resultados podemos dizer que o trabalho sazonal tem efeito direto na família alterando a estrutura familiar durante o trabalho e no uso da renda relacionada com o processo de urbanização que tem influenciado nas decisões tomadas e na incorporação dos valores urbanos.

Palavras chaves: ‘Apanhadoras de café’. Trabalho sazonal. Mulher. Renda. Urbanização

ABSTRAT

This study aimed to investigate the effects of seasonal employment in the coffee harvest by rural women from São Miguel do Anta in the urbanization process. In this context, starting from the hypothesis of that seasonal employment of women in the coffee harvest has effect over families' way of living based on income application. The research has a descriptive character and was operationalized based on the survey of secondary data and in the questionnaire applications with open and closed questions for women gatherers coffee in the country of São Miguel do Anta. According to results it can be affirmed that seasonal work has a direct effect over the family changing the familiar structure during the work and in the use of income linked with the urbanization process that has influenced on the decision and in the incorporation of urban values.

Keywords: "Gatherers coffee". Seasonal employment. Women. Income. Urbanization

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com as mulheres "apanhadoras"² de café do campo do município de São Miguel do Anta, Minas Gerais. A finalidade da pesquisa foi detectar os efeitos do trabalho das mulheres na colheita do café na utilização da renda e nas relações dentro do grupo familiar, bem como observar como esses efeitos se desenvolvem dentro de um "processo de urbanização" do campo e seu impacto no modo de vida dessas mulheres. Neste contexto, partimos da hipótese de que o trabalho sazonal das mulheres na colheita do café tem efeito no modo de vida das famílias a partir da aplicação da renda e pela incorporação de valores urbanos. Para aprofundar a compreensão sobre o trabalho da mulher na colheita do café, paralelo às contribuições teóricas sobre o trabalho feminino no campo, adota-se neste artigo a ideia de urbanização do campo apresentada na obra do sociólogo francês Placide Rambaud (1969).

A cidade de São Miguel do Anta fica localizada na região da Zona da Mata, dentro da Microrregião de Viçosa e tem uma população total de 6.760 habitantes, sendo que 55,4% se encontram na cidade e 44,6% no campo. De acordo com a EMATER³ de São Miguel do Anta, a mão de obra que realiza a colheita do café neste município é composta

majoritariamente por mulheres. Como o trabalho das mulheres na cafeicultura da região é concentrado no período da colheita, a renda por elas obtida nesta ocasião é significativa em termos das possibilidades de remuneração que possuem. Segundo relataram os técnicos da EMATER durante as entrevistas, as trabalhadoras conseguem receber de dois a três salários mínimos por mês nesta região durante o período da safra de café. Contudo, este salário tem caráter sazonal visto que a colheita, geralmente, inicia-se em abril e se finda em julho. Nesta pesquisa foi observado que a renda adquirida pelas mulheres na colheita do café interferiu nas relações de poder dentro da família, nas suas possibilidades de escolha e na realização de seus projetos pessoais, bem como no acesso ao lazer.

A pesquisa realizada teve um caráter descritivo e foi operacionalizada a partir do levantamento de dados secundários e da aplicação de questionário com questões abertas e fechadas às mulheres “apanhadoras de café” do campo de São Miguel do Anta. Para o levantamento dos dados secundários, utilizamos as informações fornecidas pela EMATER local e pela Secretaria de Saúde Municipal, por meio dos registros das famílias atendidas pelo Programa Saúde da Família (PSF).

CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO FEMININO E A RELAÇÃO COM O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

Autores como Paulilo (2004), Osakabe, (2005), pesquisadores do MDA (2006), Boni (2006), Cordeiro (2007) e Rossini (2009) discutem as condições nas quais o trabalho feminino é restrito ao espaço doméstico e neste sentido considerado como ‘ajuda’ dentro de uma rígida divisão do trabalho. Em contraponto, as perspectivas abordadas por Melo (2002), Silva *et al* (2005) e Staduto *et al* (2008), por exemplo, retratam como o trabalho da mulher, individualizado, proporciona autonomia e poder de decisão a respeito da destinação da renda, da aquisição de bens de consumo, dos investimentos na educação dos filhos e na infraestrutura da casa. Esta segunda perspectiva foi por nós adotada, abordando como os fatos relacionados ao trabalho da mulher e à utilização da renda obtida estão relacionados à urbanização do campo como é descrita nos estudos de Rambaud (1969).

As primeiras referências que se tem em relação ao trabalho da mulher na agricultura brasileira datam da época do colonato, quando as famílias de imigrantes ocupavam as terras dos fazendeiros como colonos para cuidar das plantações de café. Neste período, a família constituía uma unidade produtiva e todos os membros trabalhavam juntos para garantir o seu sustento. A figura mais importante era a do homem (chefe da família), dado que estabelecia o contrato com a fazenda e administrava os ganhos. As mulheres e as crianças trabalhavam para ‘auxiliar’ o trabalho do chefe da família. As mulheres cultivavam e colhiam nas terras que recebiam para a cultura de subsistência e também realizavam as atividades domésticas (OSAKABE, 2005). Conforme os dados do MDA (2006), a realidade citada por Osakabe (2005) ainda persiste, visto que a forte presença feminina na ocupação rural está concentrada no trabalho não remunerado e no autoconsumo que consistem em atividades da casa (cozinhar, educação dos filhos, limpeza, cuidado dos animais de pequeno porte) e em tarefas na lavoura (capinar e colher). Este tipo de trabalho ocupa 74,9% das mulheres no campo. Porém, tais atividades são consideradas como ‘ajuda’ e não como trabalho produtivo, excluindo-se qualquer remuneração ou mesmo o reconhecimento pelo grupo familiar de sua contribuição para a melhoria das condições da reprodução familiar (MDA, 2006). No estudo de Boni (2006) no sul do Brasil, os dados evidenciaram que as famílias residentes nas propriedades rurais têm uma clara divisão sexual do trabalho, atribuindo ao homem o papel de ‘chefe da família’ e de responsável pela unidade de produção e cabendo à mulher um papel secundário nesta organização, mesmo que realize as mesmas tarefas do marido. Contudo, a autora percebeu que o trabalho das mulheres, antes feito nas lavouras, passa a ser realizado próximo à casa, permitindo compatibilizar melhor esta atividade com os afazeres domésticos e demais responsabilidades tidas como femininas.

Rossini (2009) ressalta que a partir da saída da mulher do âmbito doméstico e da sua participação na força de trabalho a atividade doméstica passou a ser considerada secundária, sendo realizada nas horas extremas (muito cedo ou à noite) ou no final de semana uma vez que é indispensável para a reprodução da família. O tempo de repouso para a mulher passa a ser cada vez mais exíguo, enquanto que para o homem permanece quase o mesmo; o que leva a mulher a realizar uma dupla jornada de trabalho.

Na visão de Paulilo (2004), o trabalho realizado pela mulher no lar é considerado por muitos como ‘improdutivo’. Por isso, quando acontece o processo de migração da casa para a realização das atividades agrícolas fora desta, abre-se uma possibilidade para o seu reconhecimento como ‘produtoras rurais’ e não ‘do lar’, reconhecimento pelo qual vêm lutando. Entretanto, Cordeiro (2007) complementa que a participação produtiva das mulheres no trabalho fora de casa fica invisível, dado a uma rígida divisão do trabalho, omitindo seu potencial produtivo na agricultura familiar e subestimando sua participação econômica. A divisão desigual entre homens e mulheres (especialmente entre mulheres jovens e homens jovens) reflete-se no trabalho e na renda na propriedade, dando maior liberdade aos rapazes e gerando a migração feminina. As mulheres jovens costumam ir para as cidades à procura de empregos que lhes proporcionem renda própria que possam administrar à sua maneira. Esta renda possibilita também maior liberdade e autonomia. A vivência urbana afeta consideravelmente o retorno delas ao campo uma vez que procuram se profissionalizar e formar família na cidade (BONI, 2006)

Por outro lado, várias literaturas mostram consequências positivas referentes a essa nova posição da mulher no campo. Segundo Silva *et al.* (2005), normalmente, a renda da mulher, na grande maioria das vezes, é direcionada à educação e alimentação dos demais membros da família sem renda, tais como os filhos, o que contribui na redução do risco social dessas famílias. Além disso, o envolvimento das mulheres rurais em atividades remuneradas pode aumentar a sua independência financeira.

Segundo Melo (2002), as mulheres são as maiores responsáveis pela produção de alimentos de subsistência gerados na agricultura familiar. Na África, elas cultivam 80% dos produtos alimentares de subsistência; no subcontinente Indiano, entre 70% a 80% das colheitas de subsistência são de responsabilidade das mulheres, enquanto que na América Latina e no Caribe, 50% da alimentação consumida é originada do trabalho feminino.

Staduto *et al.* (2008) confirmam por meio de um estudo feito sobre as ocupações e rendas das mulheres das famílias rurais paranaenses que o trabalho das mulheres traz inúmeros benefícios para a agricultura familiar, como o aumento significativo da renda que,

por sua vez, se constitui numa barreira contra o êxodo rural. Outra conclusão deste mesmo estudo foi de que nas atividades não-agrícolas as mulheres conseguem melhores condições de trabalho, ou seja, ocupações menos precárias e, principalmente, a possibilidade de trabalhar em ocupações que não sejam uma simples extensão do seu trabalho no lar.

O trabalho feminino ganhou um novo estatuto, à medida que as jovens agricultoras foram absorvidas em diferentes empresas agrícolas, vindo a trabalhar nos cafezais, laranjais, canaviais, (SILVA *et al*, 2005). Com a inserção da mulher em formas de atividade remunerada, o trabalho feminino torna-se mais individualizado e autônomo, o que contribui para a incorporação de novos hábitos e costumes. Assim, a partir da sua inserção no mercado de trabalho, a mulher passa a participar da renda familiar por meio do salário.

Desta forma, acredita-se que a nova experiência possibilitada pela obtenção da renda por meio do trabalho na colheita do café possa ser pensada a partir da urbanização como modo de vida na perspectiva de Rambaud (1969). Os rurais absorvem a cultura urbana na sua própria cultura, selecionando o conteúdo a ser absorvido, bem como dando forma e ritmo próprio a este processo de aculturação. A este processo de aculturação que, segundo Rambaud (1969), é de caráter individual e não coletivo, o autor denomina de “constituição do *canivar*⁴ particular de cada indivíduo”. Podemos dizer que os modos de vida dos rurais se transformam à medida que passam pelo processo de aculturação e seguem tecendo seu próprio *canivar*. Neste contexto, partimos do pressuposto de que o modo como as pessoas vivem se modifica quando elas incorporam hábitos de consumo, têm acesso às tecnologias da comunicação e da informação, aos serviços públicos e às políticas governamentais. O acesso a estes bens e serviços materiais e culturais reflete-se no seu estilo de vida, nas suas condições materiais de vida, tal como no seu padrão de moradia, no tempo gasto para realizar as suas atividades domésticas e ‘produtivas’, bem como nas suas formas e possibilidades de lazer (Rambaud, 1969). Neste contexto o autor aponta as relações e a transformação no modo de vida a partir de elementos do processo de urbanização e de ruralidade no decorrer de sua obra. Esses elementos são percebidos a partir das mudanças de concepções em torno de elementos centrais como o trabalho, a

utilização da renda no acesso a informação e tecnologias de comunicação, a utilização de bens de consumo e serviços urbanos e a redução do tamanho da família, como indicativo de uma interferência de padrões e valores urbanos no campo.

Sendo assim, os rurais passam a fazer parte de uma sociedade de empreendedores e consumidores, despertando-se para o desejo de acesso aos bens e serviços que a urbanização oferece como a poupança para a habitação, o investimento na casa, a preparação do futuro das crianças no caso dos serviços; e o consumo expresso nas mudanças no modo de vestir, na aquisição de bens como o fogão a gás, o rádio, a máquina de lavar, a roçadeira e o carro (RAMBAUD, 1969).

Segundo Rambaud (1969), a própria casa passa a ter um novo papel dentro da propriedade, como um lugar de bem estar e conforto, sendo então valorizada. Investe-se dinheiro na reforma e construção de novos espaços, o que pode ser observado quando os rurais passam a separar os ambientes, afastando da casa os estábulos e o chiqueiro. O afastamento do espaço da casa do mundo do trabalho, do espaço agrícola, demonstra a influência da urbanização. A modificação do habitat representa principalmente um crescimento do nível de vida e não só um investimento de empreendedor. A mudança proporciona à família e ao trabalho uma primeira autonomia, que introduz em seu sistema tradicional a possibilidade de especializar o trabalho e de romper a submissão ao dado natural através de um espaço com uma nova função.

A partir das mudanças propiciadas pela urbanização do campo apontadas por Rambaud (1969), pode-se refletir sobre como os resultados da pesquisa com as “apanhadoras” de café em São Miguel do Anta, utilizando-se tais mudanças para perceber os processos de urbanização.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi realizada no ano de 2011, nos meses de março a maio. As fontes de informações foram a EMATER/MG por meio de seu escritório local e os dados dos

Postos de Saúde da Família (PSFs) da Secretaria Municipal de Saúde que conta com o registro das famílias atendidas nas dez comunidades locais.

Realizamos a pesquisa com as famílias que moram no campo, a fim de identificar nas mesmas as mulheres que trabalhavam na colheita do café. Após a identificação do número de famílias a partir dos dados secundários fornecidos pela EMATER e principalmente pelo PSF, realizou-se uma seleção aleatória através de sorteio, ou seja, utilizamos a amostragem probabilística aleatória simples por meio da qual os entrevistados foram sorteados conforme o número de famílias. Assim, dentro do número de famílias levantadas, todas tinham a chance de participarem da pesquisa. Ressalta-se que o número total de famílias fornecido pela EMATER e o PSF não representa o número total de famílias residentes no campo de São Miguel do Anta já que estas instituições forneceram apenas os dados correspondentes às famílias as quais tínhamos acesso para aplicar o questionário devido aos problemas de locomoção. Assim, a partir da amostra fornecida realizamos o sorteio aleatório contemplando todas as comunidades.

Para chegar ao cálculo de quantas mulheres seriam selecionadas utilizamos a fórmula da proporção finita (BOLFARINE e BUSSAB, 2005), correspondendo a:

$$n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} \times N}{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} + (N - 1)E^2}$$

Onde,

n = tamanho amostral
Z = valor tabelado de uma distribuição normal
N = tamanho populacional
E = margem de erro ou erro máximo de estimativa
p = proporção populacional de indivíduos que pertence a categoria que estamos estudando
q = proporção populacional de indivíduos que não pertencem à categoria que estamos estudando (q = 1 - p).
α = nível de significância

Como os valores populacionais p e q são desconhecidos, substituiu-se pelos valores amostrais \hat{p} e \hat{q} . Mas como estes também eram desconhecidos, substituímos \hat{p} e \hat{q} por 0,5. Com os dados realizamos os cálculos, considerando 95% como margem de confiança, 10% como margem de erro e N igual 456. O valor de Z é tabelado⁵ em 1,96. Substituindo os valores na equação citada acima obtemos: $n = (1,96)^2 \times 0,5 \times 0,5 \times 456 / (1,96)^2 \times 0,5 \times 0,5 \times (456 - 1) \times (0,10)^2 = 80$. O número total de famílias às quais teríamos acesso para aplicar os questionários nas dez comunidades é de 456, o que permitiu obter como tamanho da amostra 80 entrevistadas.

A pesquisa caracterizou-se pela abordagem descritiva-explicativa e os questionários traziam questões abertas e fechadas. Após a aplicação dos 80 questionários, iniciamos a tabulação dos dados, classificando cada uma das respostas em categorias correspondentes a códigos numéricos. Após esse procedimento, iniciamos o processamento dos dados no *software Microsoft Office Excel* para permitir a realização de análises e montagem de tabelas e gráficos.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na parte inicial da pesquisa identificamos os dados socioeconômicos para traçar o perfil das famílias estudadas, como se pode observar na tabela abaixo sobre o tamanho das famílias:

Tabela 1 – Número de membros na família

Número de pessoas	n ¹	%
1 a 4 pessoas	55	70
5 a 7 pessoas	19	24
8 a 11 pessoas	5	6

n¹: numero de pessoas responderam a mesma questão
Fonte: Pesquisa 2011

Conforme a Tabela 1, do total das entrevistadas, 70% pertenciam a famílias compostas de 1 a 4 pessoas, o que demonstra uma redução no número de filhos nas famílias no meio rural, deixando de ter o caráter extenso de antes. Segundo Rambaud (1969), essa redução do tamanho da família é indicativa de uma interferência de padrões de comportamento e valores urbanos relacionados ao planejamento familiar. A percepção do reduzido tamanho das famílias pode ser reforçada pelos dados relativos à composição familiar das mulheres entrevistadas, já que, conforme os dados da tabela 2 abaixo, 24% destas são casadas e têm filhos pequenos morando em casa e 17% são casadas mas não têm filhos:

Tabela 2 - Composição Familiar

Composição	n	%
Casada com os filhos pequenos morando em casa	19	24
Casada sem filho	13	17
Casada com filhos adultos morando em casa	11	14
Casada com filhos adolescentes morando em casa	10	13
Casada com todos os filhos morando fora	8	10
Casada com filhos morando em casa e outros parentes morando em casa	8	10
Casada com filhos morando em casa e filhos morando fora	3	4
Casado com filhos morando em casa e um ou mais membros aposentados	3	4
Viúva com filhos morando fora	2	2
Viúva morando com filhos em casa	2	2
Solteira	0	0
Separada morando com os filhos	0	0
Viúva morando com parente	0	0

Fonte: Pesquisa 2011

Em relação à renda familiar obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 3 – Renda da família

Renda	n ¹	%
Menos de 1 salário	18	23
1 a 2 salários	39	49
2 a 3 salários	16	20
3 a 4 salários	3	4

**Os efeitos do trabalho sazonal
das mulheres na colheita do café
em um campo em transformação**

**Vanessa Aparecida Moreira de Barros
Ana Louise de Carvalho Fiúza
Lidiane Nunes da Silveira
Glauciane Aparecida Pereira**

4 a 5 salários	2	3
5 a 6 salários	0	0
Mais de 6 salários	1	1

Fonte: Pesquisa 2011

A renda familiar das mulheres entrevistadas é relativamente baixa, 49% recebiam de 1 a 2 salários⁶ e 3% acima de 4 a 5 salários. Entretanto, as mulheres declararam no momento da entrevista que a renda varia mensalmente devido à sazonalidade dos períodos de safras.

Com relação ao trabalho na colheita do café, das 80 mulheres entrevistadas 61% delas trabalham nesta atividade em diferentes localidades. É importante destacar que as propriedades onde as mulheres trabalham se dividiam entre as que pertenciam à própria família, outras propriedades na comunidade, em lugares distantes e em outros municípios, conforme os dados da tabela 4:

Tabela 4 – Tipo de propriedade em que as “apanhadoras” trabalham

Propriedade	n	%
Propriedades pertencentes a pessoas de fora, no próprio município	19	35
Propriedades pertencentes aos membros da sua família	15	28
Propriedades pertencentes a pessoas de fora, de outro município	12	22
Trabalha na propriedade da família e depois se deslocam para outros municípios	8	15

Fonte: Pesquisa 2011

Verificamos que do total das mulheres que “apanham” café, 35% o fazem em propriedades fora do próprio município e 15% trabalham na propriedade da família e depois se deslocam para outros municípios, como Ervália e Cajuri, ambos na Microrregião de Viçosa. O trabalho na “panha” do café acontece por meio de regimes diferenciados: um informal, entre a vizinhança, em que se é mais fácil negociar horários e dias de trabalho; outro, formal, com carga horária fixa e registro na carteira de trabalho. Na colheita do café

da família ou dos vizinhos na comunidade é muito comum o sistema de trocas de “dias” de serviços, por meio de relações de reciprocidade. O trabalho na comunidade era mais barato ou às vezes nem era remunerado, mas como muitas mulheres tinham crianças e afazeres domésticos, consideravam que era preferível trabalhar dessa forma. Segundo as “apanhadoras”, ficava mais fácil para negociar os horários, a fim de trabalharem apenas no período da tarde, por exemplo, para terem ainda tempo para cuidar das atividades de casa, cozinhar e preparar os filhos para irem à escola. O outro sistema de trabalho na “panha” do café se refere às atividades de colheita em propriedades maiores. Como as mulheres tinham que se deslocar para a propriedade, a dinâmica da rotina da casa mudava totalmente: elas acordavam cedo, preparavam o almoço, levando uma parte para elas consumirem na lavoura e deixando a outra parte para os filhos e o marido. Para facilitar o deslocamento das mulheres, um ônibus passava nas comunidades e as levava até a propriedade. A realidade descrita é discutida por Boni (2006), que, a partir das suas observações, percebeu uma tendência das mulheres preferirem realizar o trabalho próximo à casa, permitindo compatibilizar melhor esta atividade com os afazeres domésticos e demais responsabilidades. Também foi constatado o sistema de colheita de café em parceria, chamado de “meia”, por meio do qual a “apanhadora”, juntamente com o marido, participa com a mão de obra e os proprietários da terra fornecem os recursos necessários para a lavoura. Após a colheita, a produção é dividida entre ambos.

Como já foi destacada, a possibilidade de realizar o trabalho na colheita do café depende da liberação da mulher da responsabilidade de certas tarefas domésticas ou mesmo do cuidado dos filhos. Por isso, indagou-se quem se responsabilizava pelo cuidado dos filhos para as mulheres ausentarem-se da casa durante o trabalho na “panha” do café, o que obtivemos como resposta, na Tabela 5:

Tabela 5 – Cuidador dos filhos durante a “panha” do café

Cuidador	n	%
Deixa com um dos membros da família	8	31
Ficam sozinhos	6	23
Paga alguém de fora	5	19
Vão com os pais para a lavoura	4	15
Ficam em tempo integral na escola	2	8
Não tem filhos	1	4

Fonte: Pesquisa 2011

Para trabalhar, as mulheres reestruturam toda a dinâmica familiar, como o cuidado com os filhos, assim, 31% das entrevistadas disseram deixar as crianças com outro membro da família. Já a responsabilidade das atividades da casa ficava a cargo da mulher, no caso de 88% das entrevistadas, 8% dividem as tarefas com outro membro da família e o restante, 4%, contratam alguém de fora da família para realizar.

Quanto ao horário em que realizavam os afazeres domésticos, 48% dizem realizá-los pela manhã, antes de sair para a colheita. Outro meio era realizarem as tarefas durante a noite, depois da colheita - cerca de 40% das entrevistadas optam por essa alternativa. O restante, 12%, realizam o serviço considerado por elas como “o mais pesado”, como lavar roupas e a limpeza mais intensa da casa, no fim de semana. A ajuda do marido à esposa no período de safra de café se resumia a alimentar os animais (porcos e galinhas), o que antes era uma atribuição feminina, não contribuindo nas atividades domésticas.

Meu marido não ajuda em nada, muito mal picar a lenha, só isso que ele faz.
(Rosa Maria⁷, 30 anos, 2011)

Para arrumar as coisas aqui eu faço assim, arrumo a casa mais ou menos, dou café para os meninos, espalho o café para secar, faço almoço, arrumo os meninos para ir para a escola e depois vou para a lavoura, lá pelas 17h volto, junto todo o café que tava secando, ajudo a tirar o café do caminhão e venho para dentro de casa enquanto meu marido termina de arrumar as coisas lá fora, aí faço janta dou banho nos meninos, ajudo nos deveres de casa. Ontem meu menino do meio passou mal, aí que foi difícil cuidar das coisas e ainda olhar menino doente.
(Conceição, 33 anos, 2011)

Estes dados corroboram com a afirmação de Rossini (2009) de que a dinâmica de trabalho nas tarefas de casa é alterada em função da inserção da mulher na força de trabalho, o que afeta a família como um todo. Verificou-se nesta pesquisa como as atividades passam a ser realizadas no fim de semana e em horários extremos afetando o tempo de repouso para a mulher que torna-se cada vez menor, enquanto para o homem permanece quase o mesmo.

A renda adquirida pelas mulheres na colheita do café - uma das variáveis-chave de nossa pesquisa – está apresentada na Tabela 6:

Tabela 6 – Renda das “apanhadoras” durante a colheita do café

Renda	n	%
50 a 150 reais	5	11%
150 a 250 reais	5	11%
250 a 350 reais	6	14%
350 a 450 reais	5	11%
1 salário	11	25%
1 a 2 salários	7	16%
Mais de 2 de salários	3	7%
Não sabe, porque é o marido que recebe	2	5%

Fonte: Pesquisa 2011

A renda recebida na colheita do café variava de acordo com as propriedades onde trabalhavam: 47% das mulheres declararam receber mensalmente de 50 a 350 reais, o que correspondia às mulheres que colhiam café próximo de casa, em horários mais flexíveis, a fim de conciliar o cuidado dos filhos e dos afazeres da casa. As mulheres referentes aos 12% que recebiam mais de 2 salários, correspondem principalmente às que trabalhavam em propriedades maiores. O valor dessa renda era considerado suficiente para suprir as suas necessidades pessoais para 58% das mulheres enquanto 42% das “apanhadoras” o declarava insuficiente. Os resultados dos estudos realizados por Staduto *et al.* (2008), conforme discutidos anteriormente, mostraram que a participação das mulheres na obtenção da renda trazia inúmeros benefícios para a agricultura familiar como o aumento

significativo da renda que se constitui numa barreira contra o êxodo rural. Sendo assim, a mulher passa a conseguir uma certa independência econômica no campo não precisando migrar para a cidade em busca de trabalho e renda.

Os dados constatados na tabela 7 apontam questões centrais para a problemática da pesquisa, tais como a forma em que a renda é investida, acesso a bens de consumo e serviços e que possuem uma relação com o processo de urbanização propostos por Placide Rambaud (1969).

Tabela 7 – Destino da Renda Advinda da Colheita do Café

Renda	n	%
Despesas da casa	46	33
Compra roupas para você e sua família	30	21
Compram móveis e eletrodomésticos	15	11
Investe em equipamentos agrícolas para a propriedade	15	11
Faz reforma na casa	12	8
Investe na educação dos filhos	12	8
Entrega para o marido	7	5
Guarda o dinheiro em uma poupança	5	3

Fonte: Pesquisa 2011

A tabela 7 nos permite verificar as diferentes aplicações da renda adquirida com o trabalho das “apanhadoras” de café. O número de mulheres que repassa o salário para o marido é de 5%, sendo assim, 95% delas direcionam a renda com base na decisão individual e através de suas escolhas. Rambaud (1969) afirma que o trabalho remunerado proporciona a aquisição de novos valores de consumo, representando uma possibilidade de individualização. Outros autores como Silva *et al* (2005) afirmam que o envolvimento das mulheres rurais em atividades remuneradas pode aumentar a independência financeira. Assim, os dados referentes à pesquisa com o respaldo das correntes teóricas de Statuto *et al* (2008), Melo (2002), Silva *et al* (2005) e Rambaud (1969), mostram um novo perfil da mulher no campo, com envolvimento em atividades remuneradas, na individualização do trabalho e no poder de decisão e autonomia frente ao uso da renda, contrapondo aos autores

como Osakabe (2005) e MDA (2006) que destacam o trabalho da mulher como dependente ao marido, um serviço paralelo às atividades realizadas, não remuneradas e consideradas como ajuda.

As mulheres planejavam o que comprar com o dinheiro da ‘panha’ durante todo o ano, 33% destinavam a renda para as despesas da casa, 21% para compra de roupas para a família e 8% investiam na educação dos filhos. A respeito dessa discussão, literaturas mostram consequências positivas referentes a essa nova posição da mulher no campo. Segundo Silva *et al.* (2005), a mulher planeja o uso da renda de acordo com a necessidade da família, primeiramente com o gasto com os filhos e posteriormente para cobrir os gastos da casa e investir em outros bens para usufruto dos demais membros.

Com o dinheiro compro materiais escolares, roupas para os meninos e pago um curso que minha filha tá fazendo. (Ana, 28 anos, 2011)

Com o dinheiro, eu compro móveis, coisas para a casa, dessa vez tô com vontade de comprar um armário, o meu tá ruim. (Graça, 48 anos, 2011)

Meus filhos moram longe, mas tem celular aqui, dá para falar com eles. (Mercês, 47 anos, 2011)

Das demais ‘apanhadoras’, 11% compram móveis, eletrodomésticos e 11% investem em insumos e equipamentos agrícolas para a propriedade. Na maioria dos casos, observa-se então que a renda recebida pela mulher passava a ser investida na aquisição de bens, principalmente, móveis e eletrodomésticos, sendo esses dois investimentos planejados durante o ano. Com isso percebemos os efeitos da urbanização descritos por Rambaud (1969), em que o processo de incorporação do modo de vida da cidade pelo campo traz consequências para a forma como a renda é pensada e investida dentro da propriedade. Como podemos perceber em uma das falas acima, uma das famílias entrevistadas possuía celular rural, usado para facilitar a comunicação, mostrando um avanço, já que a sociedade rural tradicional é conhecida pelo silêncio e pelo pouco uso da fala como nos mostra Rambaud (1969), sendo a comunicação um típico valor citadino. A aplicação da renda reflete que a mulher seleciona o que vai comprar, como investir, adotando assim uma prática referente ao modo de vida urbano, na aquisição de bens de consumo, no cálculo racional, na previsão do futuro.

A renda direcionada para a reforma da casa é um total de 8%, dado que também merece atenção, pois a reforma ou a construção da casa são realizadas a partir do modelo de arquitetura da cidade, como vimos durante a realização da pesquisa. Na pesquisa realizada por Rambaud (1969), no campo francês, o autor percebeu que a casa tomou uma outra forma dentro da propriedade. Como exemplo, a separação do ambiente de trabalho agrícola, da criação de animais, que antes ficava interligado a casa. Assim as residências passam a ser mais valorizadas, reformadas e com diferentes estilos de decoração, tornam-se um lugar de bem estar e conforto (RAMBAUD, 1969). Durante a pesquisa observamos que a casa está perdendo a característica dos casarões antigos para casa com número menor de cômodos e que atenda a família, com infraestrutura adequada de estrutura hidráulica e eletricidade, modelos urbanos e com reformas constantes.

O acesso aos meios de comunicação se dá aos mais diversificados, como televisão, antena parabólica, rádio, aparelho de som, DVD e celular rural. O meio de transporte utilizado pelas famílias entrevistadas é a moto, carro e esporadicamente o transporte coletivo que é destinado preferencialmente aos estudantes. Outros itens destacados na Tabela 7 foram a utilização da renda no investimento em novas máquinas para utilizar nas lavouras de café e em outras plantações da família e utilização de insumo nas famílias que tinham propriedade maiores e que apanhavam café na lavoura da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se, neste artigo, investigar os efeitos do trabalho sazonal na colheita do café realizado pelas mulheres do campo de São Miguel do Anta - MG frente ao processo de urbanização. Diante do exposto, pode-se dizer que o trabalho sazonal tem efeito direto na família, alterando a estrutura familiar durante o trabalho e no uso da renda relacionada com o processo de urbanização que tem influenciado nas decisões tomadas e na incorporação dos valores urbanos.

O trabalho na “panha” do café tem efeito direto na dinâmica familiar, alterando os horários de trabalho das “apanhadoras” de café no âmbito doméstico. No entanto, o efeito

primordial da pesquisa se centra na renda adquirida pelas “apanhadoras”, que se torna um símbolo de segurança e de ganho, proporciona a autonomia e poder de decisão individual. Assim as mulheres planejavam o que comprar com o dinheiro da “panha” durante todo o ano, como a compra de roupas para a família, o investimento na educação dos filhos, a compra de móveis, eletrodomésticos, a reforma da casa e o investimento em insumos e equipamentos agrícolas para a propriedade. Cabe dizer que, com as discussões do modo de vida rural e modo de vida urbano, verificamos as interferências urbanas no estilo de vida, dentro dos padrões de consumo e modos de morar, aparato tecnológico, no acesso a serviços.

Por fim, pode-se dizer que as “apanhadoras” passam a adquirir novos valores de consumo, representando uma possibilidade de individualização e independência financeira e, a partir da hipótese assumida no presente trabalho, os dados comprovam os efeitos da sazonalidade e a influência do processo de urbanização, visto que as mulheres passam pelo processo de incorporação do modo de vida da cidade pelo campo e influencia na forma como a renda é pensada e investida dentro da propriedade. Vale ressaltar que ainda persistem características identitárias, típicas de um rural tradicional, como a realização das tarefas domésticas que permanece uma atribuição exclusivamente feminina.

Notas

¹ Artigo produzido a partir da pesquisa financiada com recurso da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais – FAPEMIG

² É bom lembrar que o objetivo da presente pesquisa não é fazer uma discussão conceitual das “apanhadoras” de café em termos das categorias de trabalhador volante ou de boia-fria dentro do marco teórico que aborda a modernização da agricultura, tais como nos trabalhos de Martinez- Allier (1977), nos artigos publicados no livro “A mão de obra volante na agricultura” pelo Departamento de Economia Rural da Unesp de Botucatu (1982), D’ Incao (1983) e Silva (1999). Este trabalho caracteriza-se pela análise descritiva dos efeitos do trabalho sazonal na colheita do café na utilização da renda e nas relações familiares das mulheres “apanhadoras de café”, dentro do processo de urbanização do campo.

³ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais

⁴ Palavra francesa que define um tipo de bordado, onde o tecido para bordar é firmado por um bastidor para ficar firme e permite que a agulha passe entre os espaços mais facilmente, selecionando os tipos de pontos a serem desenhados, com cores e formas diferentes.

⁵ Verifica-se esse valor na tabela de distribuição normal, $\alpha = 5\%$, (BOLFARINE e BUSSAB, 2005).

⁶ O valor do salário considerado na pesquisa é referente ao salário mínimo que correspondeu a R\$545,00 no ano de 2011 conforme a lei nº 12.382 de 25.02.2011.

⁷ Vale ressaltar que todos os nomes das “apanhadoras” de café utilizados nas falas citadas no artigo são fictícios em razão das questões éticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLFARINE, H. e BUSSAB, Wilton O. **Elementos de amostragem**. ABE – Projeto Fisher. Editora Edgar Blücher. 2005.

BONI, V. Gênero: o doméstico e o produtivo na agroindústria familiar. In: **CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL**, 7. Quito, Equador; 2006. **Anais...** Disponível em: <<http://www.rimisp.org/getdoc.php?docid=6522>> Acesso em: mar. 2009.

CORDEIRO, R. L. M. Agricultura familiar, trabalho feminino e ação coletiva. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO - Associação Brasileira de Psicologia Social**, 14. Rio de Janeiro. 2007. **Anais...** Disponível em: <<http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos>>. Acesso em: mar. 2009

D' INCAO, M. C. O. **Boia-fria: acumulação e miséria**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL. (Botucatu) (Org.) **A mão de obra volante na agricultura**. Brasília: CNPq; São Paulo: Polis/UNESP, 1982

MARTINEZ-ALLIER, V. As mulheres do caminhão de turma. In: PINSKY, J. (Org). **Capital e trabalho no campo**. São Paulo: HUCITEC, 1977. (Coleção Estudos Brasileiros, 7)

MINISTÉRIO do Desenvolvimento Agrário. **Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul**. Brasília: MDA, 2006.

MELO, L. A. Injustiças de gênero: o trabalho da mulher na agricultura familiar . In: **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 3. Ouro Preto - MG. Nov. 2002.

OSAKABE, E. Caracterização do trabalho feminino no rural brasileiro: In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL**, 14. Ribeirão Preto: SOBER, 2005. **Anais...** CD-ROM.

**Os efeitos do trabalho sazonal
das mulheres na colheita do café
em um campo em transformação**

**Vanessa Aparecida Moreira de Barros
Ana Louise de Carvalho Fiúza
Lidiane Nunes da Silveira
Glauciane Aparecida Pereira**

PAULILO, M.I.S. Trabalho Familiar: uma categoria esquecida de análise, **Estudos feministas**, jan/abr. 2004.

RAMBAUD, Placide. **Société rurale et urbanisation**. Paris: Editions du Seuil, 1969.

ROSSINI, R. E. O trabalho da mulher na agricultura canavieira altamente tecnificada e capitalizada - São Paulo - Brasil. In: **América Latina: cidade, campo e turismo**. 2006. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/13rossini.pdf>>. Acesso em: mar. 2009

SILVA, M. A. M. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SILVA, M. F. da; ALMEIDA, J.; A. J.; SOUZA, M. O turismo rural e as organizações sociais locais no distrito de São Pedro, Bento Gonçalves - RS, **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 7, n. 5, p. 335-344, 2005.

STADUTO, J. A. R.; WADI, Y. M.; SOUZA, M.; NASCIMENTO, C. A.; TONDO, I. S. P. As ocupações e rendas das mulheres das famílias rurais paranaenses. In: **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 25 a 28 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST3>>. Acesso em: mar. 2009

Recebido em 04/07/2013 Aceito para publicação em 15/03/2014.
